

Currículo-musicado: Disputando espaço com saberes do currículo oficial/ Currículo-musicado: Disputando espacio con saberes del currículo oficial

CAMPOS, Camila Amorim / Mestre em Educação, UFMG, Brasil - camilaamorimcampos@gmail.com
BRAGA, Patricia Souza / Mestranda da Faculdade de Educação, UFMG, Brasil –
patriciasbraga@hotmail.com

Eje: [si corresponde] Construcción de conocimientos y saberes ^[1]_{SEP} Tipo de trabajo: ponencia

^a Palabras claves: currículo, música, saberes

› **Resumen**

Las canciones están presentes en los más diferentes espacios, incluyendo la escuela. Sean las traídas por los niños, las trabajadas y cantadas por las profesoras, sean las elegidas para ser tocadas en las fiestas y fechas conmemorativas, las seleccionadas para el recreo y la educación física, de diferentes formas, vías y medios, la música se hace presente diariamente en el cotidiano de la escuela. Por eso, este trabajo tiene como objetivo analizar cómo en un currículo-*musicado* se enseña, por medio de las músicas, importantes habilidades para la Enseñanza Fundamental. Mostramos así como en un currículo compuesto por los niños, las canciones también enseñan saberes considerados importantes para su grupo de edad. Inspiradas en los estudios post-críticos de currículo y en los conceptos foucaultinos, argumentamos que currículo-*musicado* es una composición que enseña. Sin embargo, por más que el currículo planeado no considere que a través de esas canciones, además de las canciones pedagógicas, se puede aprender, los niños muestran que sí y además, ellas valoran lo que se les enseña. Muestran que el currículo con la música toca y crea juntos fuera de lo establecido.

› **Presentación**

Como seria um currículo com músicas de todos os tipos, para todos os gostos nos mais variados tons? É possível que isso aconteça? Conseguimos imaginar um currículo com música assim? Cabe em um currículo o *funk*, o *gospel*, o *axé*, o *forró*, o *sertanejo*, o *pop*, o *samba*, o *reggae*, a música clássica, as trilhas sonoras de filmes e desenhos e o *rock*¹ da mesma forma que galinha pintadinha e as músicas

¹ Em entrevista realizada com as crianças, esses foram os gêneros musicais citados como os preferidos.

consideradas pelas professoras como infantis ou “pedagógicas”? Se esse currículo estiver tomado pela força e pelo desejo das crianças, todas essas músicas cabem no currículo. As crianças carregam forças que explodem as regras, os controles. Uma força sentida pelo corpo e “[...] que deflagra a sensação” (MARTINS, 2013, p. 1). Como sugere Martins (2013, p. 1), a “força tem uma relação íntima com a sensação [...] ela é desencadeadora do devir [...]”.

Na escola pesquisada o currículo do início até o fim do ano letivo é pura festa e cheio de música. No decorrer da pesquisa, em um período de 8 meses letivos observados, foram 145 músicas dos mais variados gêneros², 6 festas³ e muitos corpos bailando. O currículo é pura música! É musicado! É com ele que as músicas se misturam, nas fronteiras, nos possíveis, permitindo algo novo. É com ele também que o tremor e a vibração das músicas e dos corpos são redescobertos, reinventados, ensinados. É com ele ainda que as músicas entram em conflito e disputam espaço com as demandas e os saberes do currículo oficial. Sendo que no *currículo-musicado* ensina-se, inclusive, saberes que a professora considera importante nessa etapa do ensino para se alfabetizar.

A música, tão presente na vida das crianças, possibilita, talvez por sua intensidade, diferentes sensações nas crianças observadas nesta pesquisa. Para Rhuan, do terceiro ano, não tem nada melhor que cantar, porque assim ele se sente “*em paz*”. Já Rafael, também do terceiro ano, afirma que “*a música traz alegria, coisa boa*”. Na mesma direção, também para Paula, do primeiro ano, “*a música traz felicidade*”. Já para Maria, do primeiro ano, “*o amor*”. Enquanto Isabella, do segundo ano, se sente em um palco e imagina um monte de gente assistindo ela cantar e dançar (Trecho das entrevistas realizadas no dia 17 de novembro de 2017). Nesse caso a música desperta a vontade de dançar. Aliás, música e dança estão muitas vezes bastante próximas no currículo investigado. Não é à toa que Nietzsche (2012) nos diz que é perdido todo o dia em que se deixa de dançar (p. 251). Vitor, do primeiro ano, diz “*eu gosto de cantar e dançar porque eu aprendo a mexer meu corpo. Faço uns movimentos mó legal*”.

Mesmo com as normas, as regras que insistem e ensinam a Isabelle, por exemplo, que “*na escola não se pode cantar várias músicas*”, no currículo com música, as crianças não se negam a serem tocadas e ensinadas pelas diferentes sonoridades. É isto que mostramos e discutimos neste trabalho, esse medo do incontrolável. O argumento aqui desenvolvido é o de que *currículo-musicado* é uma composição que ensina até mesmo nos pedidos incessantes de silêncio. No entanto, por mais que o currículo planejado não considere que via essas músicas, além das músicas pedagógicas, se pode aprender, as crianças mostram que sim e além disso, elas valorizam o que lhes é ensinado. Mostram que o currículo com música toca e criam juntos fora do estabelecido.

² Funk, sertanejo, gospel, desenhos infantis, músicas pedagógicas, reggae, pop, axé, forró, samba, trilha sonora de filmes, clássicas.

³ Final de ano, carnaval, dia das mães, festa junina, festa de despedida, festa de aniversário.

Este trabalho tem como objetivo analisar como, em um *currículo-musicado*, se ensina, por meio das músicas, importantes habilidades para o Ensino Fundamental. Para tanto, na primeira parte mostramos como no *currículo-musicado* as músicas divulgam saberes e na segunda apresentamos como diante do silêncio o *currículo-musicado* dança.

› ***Aprendendo no ritmo de um “som horrível”*: saberes no currículo-musicado**

Como conceitua Paraíso (2009), o currículo é território "cheio de possibilidades de rompimento das linhas do ser; de contágios que podem nascer e se mover por caminhos insuspeitados; de construção de modos de vida que podem se desenvolver de formas particulares" (PARAÍSO, 2009, p. 278). O *currículo-musicado*, por sua vez, mostra que o currículo não é tão homogeneizador e controlador. Sensível à disputa de expressividades, o currículo dança! É um espaço onde outros possíveis são inventados, encontros saboreados, afectos produzidos, outros sons são experimentados e saberes são produzidos.

Saber é aqui entendido como "o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso" (FOUCAULT, 2005, p. 220). É o "campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam". Enfim, "um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso" (FOUCAULT, 2005, p. 220). Dessa forma, os saberes ensinados pelas músicas, por mais que as professoras não os considerem, não deixam de ser saberes.

Na escola investigada não foram poucas as vezes que diversos gêneros musicais se fizeram presentes no currículo. No decorrer das aulas, nas filas para as atividades, nas atividades da "escola integrada", nas festas, no caminho até as salas, nos banheiros, na cantina, no pátio, na educação física e até mesmo durante uma prova onde o silêncio é imprescindível. As crianças gostavam de fazer som no tempo real. Além de fazer o som, elas gostavam de mover o corpo com alguns sons que incomodavam as professoras "*pode parar com esse som horrível, Matias. Com tanta música boa você me solta essa ‘belezura’*". No entanto, eram essas músicas que estavam frequentemente lhes ensinando algo novo no *currículo-musicado*.

Não era só Matias que insistia em alguns sons. "*A professora já falou que não pode cantar esse tipo de música*", diz Maria se referindo ao *funk* do Kevinho. "*Tem várias*", diz Isabela quando questionada por mim se existia algum tipo de música que ela cantava em casa, na rua ou com os colegas que ela achava que não podia ser cantada na escola. "*Nú! Eu canto demais, mais aqui não pode*", responde Marcelo a

respeito das músicas sertanejas. “*Eu amo ‘Opaganastar’*”⁴, mas só canto ela quando estou na minha casa”, responde Gabriel. “*Eu gosto muito das músicas que canta na minha igreja, mais na escola nunca cantou música que passa na minha igreja*”, afirma Rafael. (Trecho das entrevistas realizadas no dia 17 de novembro de 2017) “*Para de cantar isso!*”, diz Mateus, com os olhos arregalados, a Júlia que cantava a música “Cheguei” da cantora Ludmilla (Trecho do diário de campo, 30 de maio de 2017).

Os motivos para isso são diversos. “*A professora fala que essa música não é música de escola*”, afirma Ricardo sobre o funk. “*Eu não canto outras músicas na escola porque a professora põe para fora*”, diz João Marcos. “*Você vai ficar sem recreio, bobo!*”, avisa Mateus a Gabriel por estar cantando o pagode do Thiaguinho⁵. “*Rafael, me dá sua agenda que vou avisar sua mãe que você acha que está no Mineirão e não na sala de aula*”, diz a professora a Rafael que cantava e dançava uma música de axé⁶. “*A Adriana vai amar conhecer as Anittas da sala*”, ameaça a professora as meninas Isa e Ana que cantavam a música Paradinha⁷ da cantora Anitta. “*Hoje a educação física de vocês vai ser na secretaria*”, avisa a professora aos alunos Mateus e Rhuan que não param de cantar e dançar forró⁸ no fundo da sala.

Ficar sem recreio, ir para a secretaria, mandar bilhete na agenda, castigá-las na educação física. Essas eram algumas das formas que as professoras encontravam de ensinar às crianças que não podiam cantar algumas músicas na escola. No entanto, por mais que parassem de cantar e/ou dançar naquele momento, em outros elas voltavam a cantar, a dançar e a fazer movimentos iguais aos que eram demandados no relaxamento. Essas músicas insistiam mesmo em movimentar o currículo! Isso porque as crianças que se dizem tão apaixonadas pela música, se entregam às sonoridades que muitas vezes são desprezadas no currículo e que também ensinam. Sonoridades essas que não se enquadram dentro da norma, pelo contrário, as levam ao delírio. As crianças mergulham nas provocações possibilitadas pelas músicas, permitem sentir outro tipo de afinidade, experimentam novos percursos, experimentam sonoridades diferentes e insistem em aprender a coreografia, como mostramos a seguir.

Episódio 1

A professora atrasa e a professora de Educação Física assume a aula. “Oh, a professora de vocês está atrasada e eu que vou ficar com vocês. Já me conhecem muito bem né? Então, colaborem!”
Thaissa pergunta se não vão descer para a quadra. A professora responde que caso a turma comporte, ela desce um pouquinho. Fomos para o pátio. A professora autoriza as crianças a brincarem com os jogos que estão em uma caixa. Flávia olha para Lucas que

⁴ Música Gangnam Style. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/psy/gangnam-style.html>. Acesso em: jul. 2017.

⁵ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/thiaguinho/ainda-bem.html>. Acesso em: jul. 2017.

⁶ Música “Largadinho”. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/claudia-leitte/largadinho.html>. Acesso em: jul. 2017.

⁷ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/anitta/paradinha.html>. Acesso em: jul. 2017.

⁸ Música “Colo de menina”. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/falamansa/colo-de-menina.html>. Acesso em: jul. 2017.

está cantando e dançando o “passinho do romano” perto de seus colegas. Ela tenta imitá-lo. Lucas diz:

- “Ou não é tão fácil não. Você tem que treinar e concentrar muito. Vai achando que é fácil. Vem cá pra você ver. Vou te ensinar”.

Flávia se aproxima de Lucas que continua dançando. Flávia tenta e aos poucos vai conseguindo se encaixar nos movimentos.

-Lucas: Isso! Só que aí você tem que virar mais rápido para a direita.

Flávia vira para esquerda.

Lucas: “Direita, minha filha!

Flávia vira seu corpo. A professora percebe e diz:

- “Que bonito vocês dois heim? A aula de dança já começou né?! Pode parar agora. Se eu ver isso de novo nós vamos voltar pra sala”.

Lucas e Flávia começam a rir e vão jogar com seus/suas colegas. Lucas diz a Flávia que depois treina mais com ela. (Diário de Campo, 5 de julho de 2017).

Lucas deixa claro para Flávia que ela precisa de concentração e treino para aprender e conseguir mexer no seu corpo no “passinho do romano”. Além de saber qual é o lado direito. No entanto, quando Flávia parece estar concentrada e aprendendo o “passinho” ela é interrompida pela professora que pede para que os dois parem. Para a professora, por mais que não tenha exigido nenhuma atividade específica, Lucas e Flávia não deveriam dançar naquele momento. Aquele não era momento para “concentrar”, “treinar” e muito menos para “aprender” o “passinho do romano”. Ademais, caso insistissem, voltariam para a sala de aula.

No entanto, “treinar” e “concentrar” são verbos solicitados pelas professoras em vários momentos para que as crianças consigam aprender os saberes demandados pelo currículo oficial para sua faixa etária.

Episódio 2

Eu não sei como que a Bianca vai aprender se ela não concentra na atividade”, “O Lucas só quer saber de conversar. Já eu quero saber a hora que ele vai concentrar no que tem pra fazer”, “Turma, se vocês não treinarem o alfabeto com o papai e com a mamãe vocês não vão aprender”, “Ana, você treinou com a vovó para a prova?”, “Beth, pede seu irmão para treinar com você! Ele já sabe a cursiva muito bem e pode te ensinar!”, “Bruno, cadê a concentração para ajudar na prova? Concentra na prova agora!”, “Ricardo, não concentra mesmo não. Só que depois não reclama que não está entendendo e que não consegue aprender”, “A Mel já está com 8 anos e ainda está com dificuldade nas vogais. Será por que? Será que ela treina em casa como a professora pede?”, “Gente, o para casa hoje é para treinar para a prova. Então, façam com mais atenção para vocês aprenderem e aproveitem para tirar as dúvidas”, “Malu, o que você não sabe, você tem que pedir alguém da sua casa para treinar com você. Não adianta deixar de fazer. Aí que você não vai aprender mesmo”, “Vitória você mora perto da Érika. Pede a ela para treinar com você. Você vai aprender rapidinho”, “Eu já estou até vendo gente no 2º ano de novo ano que vem. Não faz para casa, não treina em casa e quando chega na escola não concentra. Só um milagre! (Trechos do Diário de campo).

Para que as crianças consigam aprender elas precisam “treinar” e “concentrar”. Caso não façam isso, não aprenderão e podem ter, até mesmo, que repetir o ano. Da mesma forma, Flávia precisa concentrar e treinar, além de saber que “tem que virar o corpo mais rápido para a direita”, para aprender o “passinho”. Ou seja, assim como os momentos em sala de aula demandam concentração e treinamento, para aprender a coreografia do “passinho do romano” também é demandado. No entanto, na coreografia a professora

interrompe e não percebe que também havia ali concentração e treino. Nesse sentido, os saberes constituídos e constituintes no *currículo-musicado*, estão estreitamente vinculados “ao poder. O poder não é algo que, de fora, determina que forma assumirá o saber inscrito no currículo. O poder está inscrito no interior do currículo” (SILVA, 2012, p. 191) *musicado*. Afinal, “todo saber assegura um exercício de poder” (MACHADO, 2015, p. 28). Por mais que exista uma correlação da música com o “desenvolvimento das habilidades que as crianças necessitam [...]” (MOREIRA; SANTOS; COELHO, 2014, p. 41), no *currículo-musicado* isso não foi percebido pela professora em relação a Flávia e Lucas. No final da mesma aula a professora canta: “Atenção! Concentração! Um minuto de atenção!” já que as crianças não paravam de conversar e ela precisava entregar um bilhete antes que os/as responsáveis chegassem para buscá-las. Mais uma vez “concentrar” é demandado no *currículo-musicado*. Porém, dessa vez, com uma música. O que não é de se estranhar, pois “a música no contexto da educação vem [...] atendendo a vários propósitos, como formação de hábitos, atitudes e comportamentos [...] traduzidos em canções” (MOREIRA; SANTOS; COELHO, 2014, p. 45). Contudo, no *currículo-musicado* existem músicas “certas e adequadas” para isso que são “as músicas de organização”⁹. Isso porque o “que divide o currículo - que diz o que é conhecimento e o que não é - e aquilo que essa divisão divide - que estabelece desigualdades entre indivíduos e grupos sociais - isso é precisamente o poder” (SILVA, 2012, p. 191). Assim, ao autorizar e selecionar determinados saberes e conseqüentemente permitir que eles se apresentem de determinadas formas, o *currículo-musicado* divide, exclui e inclui formas de ensinar, concentrar, treinar, aprender, equilibrar. O que pode ser visto no episódio a seguir.

Episódio 3

A professora organiza a turma para o recreio. Léo conta para Douglas que seu irmão lhe ensinou a fazer a “sarrada no ar”. Douglas arregala os olhos. Léo pergunta a Douglas se ele sabe. Douglas responde que não e Léo diz:

- “Não é possível! Todo mundo sabe. Você quer aprender?”

Douglas imediatamente responde que sim. Léo:

- “Na hora que chegar no pátio eu te mostro. É fácil só tem que ter equilíbrio para fazer o movimento”.

Saímos da sala e antes mesmo de ir ao banheiro lavar as mãos para o lanche, Léo tenta ensinar a Douglas a sarrada. Enquanto Douglas tenta, Léo diz:

- “Véi, pula mais alto e equilibra no ar as pernas e os braços”.

Douglas ensaia várias vezes a sarrada cantando “então sarra a bunda no chão” sob os olhos de Léo que vai lhe dando os comandos. Nesse momento crianças de outras turmas se aproximam e tentam fazer cantando. Sem entender o que estava acontecendo, a professora se aproxima e diz:

- Ah! Muito bem! Já começou o espetáculo!

As crianças se espalham. Professora:

- Vai lanchar agora e para com esse circo aqui!

Douglas e Léo atendem, mas Douglas continua fazendo a sarrada em alguns momentos do recreio. (Diário de campo, 24 de maio de 2017).

⁹ Não defendemos que as músicas cantadas pelas crianças devem ser utilizadas para esses fins. No entanto, mostramos como elas demandam posturas iguais às demandadas pelo currículo para que se aprenda.

Para Douglas parece ser importante aprender a “sarrada no ar”. Afinal, esse movimento virou moda¹⁰ e fazer a “sarrada no ar”, a ginga da “sarrada”, dá status no *currículo-musicado*. Tanto que Douglas, mesmo depois de a professora ter chamado sua atenção e a de Léo, continuou tentando. Não obstante, as crianças que se aproximaram tentaram fazer junto com os dois. Para essas crianças, assim como para Douglas e Léo, é um outro aprender. Eles estão aprendendo coisas do movimento, que na idade deles “dá status”, chama a atenção. Para isso, tem que movimentar o corpo bem e ter equilíbrio.

Segundo Barbosa e El Malt (2007, p. 4), “a postura, o equilíbrio e a coordenação motora têm sido admitidos como bases importantes para a aquisição de muitas aprendizagens, incluindo a linguagem falada e a escrita”. Dessa forma, por meio das músicas e suas coreografias no *currículo-musicado*, as crianças ensinam e aprendem, umas com as outras, habilidades importantes. Porém, a escola continua proibindo porque ela não se dá conta de tudo isso que o *currículo-musicado* construído pelas crianças ensina. Além disso, “todo saber assegura um exercício de poder” (MACHADO, 2015, p. 28).

São tantos raciocínios fixadores que as professoras não percebem que as crianças estão aprendendo movimentos e desenvolturas que são importantes para elas. Marcela, do primeiro ano, por exemplo, ao ensinar o arrocha para Sara insiste que ela mexa mais o quadril. Rafael, do segundo ano, ensina a Robert dançar o axé balançando os braços para os lados e junto aos braços seu corpo, também na mesma direção. Gabriel, do terceiro ano, diz a Vitor que para dançar a música “Opaganastar” tem que “*ser esperto porque você coloca um pé e pula, coloca o outro e pula duas vezes. Tem que ser rápido para não errar e equilibrar*”. Sofia, primeiro ano, ensina a Lia a dançar a música paradinha da Anitta rebolando e fazendo o “quadrado de 4”. Para dançar “Olha a explosão” Matheus, terceiro ano, diz que “*se você não souber entender o ritmo da música, você pula na hora errada*”. Rafael fala com Bianca que se ela “decorar o refrão [da música “Deu onda”] com a parada que dá, você vai saber o que tem que fazer. O que você achar mais legal”. Paulo diz a Fernanda que forró “*se dança é dois passos para cada lado. Aí tem que ficar lembrando e contando 1,2, 1,2,1,2*” (Trechos do Diário de Campo).

Nessas brechas, essas músicas também ensinam movimentos, lateralidade, oralidade, memorização, improviso, criatividade e fazem o corpo bailar no *currículo-musicado*. Por isso, insisto em dizer que há, mesmo que rodeado por olhos vigilantes o tempo todo, um *currículo-musicado* composto pelas crianças. Elas driblam as forças que tentam aprisioná-las; se abrem aos possíveis e se entregam aos encontros e afectos¹¹ mesmo com a escola insistindo em calibrar os modos de ensinar. A força das crianças está além

¹⁰ Disponível em: <<https://diversao.r7.com/pop/fotos/voce-conhece-a-sarrada-no-ar-movimento-criado-no-funk-vira-moda-entre-jovens-e-ganha-campeonatos-05072017#!/foto/1>>. Acesso em: 29 dez. 2007.

¹¹ O afecto é aqui entendido como um estado do corpo, como um encontro. Esse estado do corpo não se refere a “[...]uma imitação, uma simpatia vivida, nem mesmo uma identificação imaginária. Não é a semelhança, embora haja semelhança. É antes uma extrema contiguidade, num enlaçamento entre duas sensações sem semelhança [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 224 e 225). Segundo Martins (2013, p. 4), “trata-se de algo que se passa ‘entre’, de um ao outro. Esse algo é a sensação. É uma zona de indeterminação, de indiscernibilidade.

das normas que persistem e lutam para que tudo aconteça em total harmonia. Mesmo porque até parado o nosso corpo dança, “as veias pulsam, o coração dá o ritmo, os olhos piscam em contracanto, a melodia dos órgãos não é ouvida porque passamos a vida inteira imersos em sua sinfonia” (TRINDADE, 2013)¹². E ainda assim, essa sinfonia acontece em diferentes ritmos.

As crianças acionam sensações possibilitadas pela música contra corpos ensaiados em movimentos regulados e faz o *currículo-musicado* cair na dança. Como “máquinas desejanter¹³” (DELEUZE; GUATTARI, 2004) as crianças produzem conexões, criam, rasgam, torcem, balançam o *currículo-musicado*. Nessa produção desenfreada no *currículo-musicado* o desejo se cria e transborda. O *currículo-musicado* pode ser produzido, então, por meio de contágios múltiplos, desejo de afetar, desejo de cantar, de aprender, de dançar, e mover o próprio corpo em compassos distintos.

¹² Disponível em: <<https://razaoadequada.com/2013/08/25/espinoza-o-que-pode-o-corpo/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

¹³ O que define “as máquinas desejanter é o seu poder de conexão ao infinito, em todos os sentidos e em todas as direções” (DELEUZE; GUATTARI, 2004).

Bibliografia

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MARTINS, José Carlos. *Arte como sensação*. 36ª Reunião Nacional da ANPEd - 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO, 2013.

MOREIRA, Ana Cláudia; SANTOS, Halinna; COELHO, Irene. *A música na sala de aula - a música como recurso didático*. UNISANTA Humanitas - p. 41-61; Vol. 3 nº 1, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 12. ed. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. *Educação & Realidade*, v. 34, 2009. p. 277-293.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 185-201.